



A SOLIDÃO DA MULHER IDOSA SOB A PERSPECTIVA DE SAMUEL BECKETT: Em busca de um Empoderamento Feminino

Maria Jade Pohl Sanches¹
Fernando Russo Costa do Bonfim²

RESUMO

Este artigo aborda o trabalho de uma atriz no contexto da peça radiofônica "Todos os que Caem" de Samuel Beckett. A personagem principal, Maddy Rooney, foi adaptada para um espetáculo de formatura do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Nessa adaptação, explorou-se as experimentações de uma atriz feminista na sociedade contemporânea, trazendo à tona a questão da solidão vivenciada por mulheres idosas. Durante o processo de criação da personagem, a atriz se inspirou no estudo sobre a solidão na terceira idade, que afeta as atividades diárias e o bem-estar das mulheres idosas. O objetivo desse estudo foi examinar a solidão nesse estágio da vida, analisando sua relação com o sentimento de abandono, a falta de paciência e a melancolia, sob a perspectiva da encenação teatral. O propósito desse artigo é promover uma mudança de visão tanto para as mulheres idosas que enfrentam o isolamento, mostrando-lhes a possibilidade de rir de si mesmas e com elas mesmas, quanto para os jovens, incentivando um relacionamento intergeracional baseado na empatia com a protagonista da história.

Palavras-chave: artista feminista, solidão, mulher idosa, empatia.

ABSTRACT

This article discusses the work of an actress in the context of the radio play "All That Fall" by Samuel Beckett. The main character, Maddy Rooney, was adapted for a graduation performance in the Theater Arts program at the Federal University of Santa Maria (UFSM). In this adaptation, the actress explores the experiments of a feminist artist in contemporary society, highlighting the issue of loneliness experienced by elderly women. During the character creation process, the actress drew inspiration from studies on loneliness in old age, which affects daily activities and the well-being of elderly women. The aim of this study was to examine loneliness in this stage of life, analyzing its relationship with feelings of abandonment, impatience, and melancholy from the perspective of theatrical performance. The purpose of this article is to promote a shift in perspective for both elderly women facing isolation, showing them the possibility of laughing at themselves and with themselves, and for young people, encouraging intergenerational relationships based on empathy with the protagonist of the story.

Keywords: feminist artist, loneliness, elderly woman, empathy.

¹ Graduada no curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2015 - 2018). Graduada no curso de Pedagogia - Licenciatura Plena da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) (2019 - 2020). Graduada do curso de Educação Especial Diurno - Licenciatura Plena na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2019 - 2023). Graduanda no curso de Letras - Português e Letras Inglês na Faculdade Estácio de Sá (RJ) (2021 - Atual). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional na Universidade Franciscana (UFN) (2021 - 2022). Especialista em Administração, Orientação e Supervisão Escolar no Instituto Brasileiro de Formação (UNIBF) (2021 - 2022). Especialista em Letras e LIBRAS na Faculdade de Venda Nova do Imigrante (FAVENI) (2021 - 2022). Pós - Graduanda em Transtorno do Espectro Autista pela União de Ensino Superior do Vale do Ivaí (UNESVI) (2022 - Atual). Mestranda em Educação com a linha de pesquisa: Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica na Universidade Federal da Bahia (UFBA) (2023 - Atual).

² Doutor (2018) em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Cirúrgica Interdisciplinar do Departamento de Cirurgia da Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina (UNIFESP/EPM) na linha de Pesquisa de laser em Cirurgia com ênfase em biologia molecular.

01 Carta aberta de mulher para mulher

Como mulher feminista que fui desde a infância e que sou na fase adulta, quero começar agradecendo as mulheres de minha família, minhas ancestrais, antepassadas, cada uma com sua característica, desafios e dificuldades que sempre enfrentaram, por serem mulheres em uma sociedade machista. Me abro com sororidade para acolher também as mulheres pesquisadoras, que lutam valentemente para ocupar seu espaço no meio acadêmico tão disputado. Honro as mulheres do cotidiano, desde médicas até domésticas, catadoras de lixo, todas vocês são na verdade catadoras de sonho. Sonho esse que se transfigura em uma vontade imensa, não apenas pela igualdade, mas de conseguir ser respeitada e ocupar seu lugar no mundo sem medos.

Nesse momento faz-se necessário agradecer minha personagem, a querida e ranzinza Maddy Rooney, por todo desafio que me fez enfrentar, como uma mulher de vinte e cinco anos interpretando uma senhora de noventa anos. Sua solidão e melancolia me comoveram nas primeiras leituras da peça radiofônica. Seu criador Samuel Beckett (1989) teve a destreza de criar uma idosa tão incrível, única, cômica, com suas dores intermináveis e reclamações, aceitou o desafio de perambular em uma aventura solitária em busca do marido cego.

Vítima de zombarias, deboches, e de um casamento tóxico e egocêntrico, conseguia transmitir o riso em quem a acompanhava. Como era difícil não rir de mim mesma com suas piadas mórbidas. Em muitos momentos me vi como a senhora, sozinha, em um estado que não era o meu de origem, lutando para ser uma atriz digna de te interpretar. Em meus relacionamentos anteriores também tóxicos, tive que me conter ao máximo para não atacar seu marido e lhe dizer umas boas verdades.

Quando via a senhora sendo debochada por outros personagens, me identifiquei também com tantos momentos de preconceitos sofridos na minha infância e de como os consegui superar, nesses instantes tive que voltar meu foco ao espetáculo para não te defender dos homens e da mulher religiosa, que utilizava da religião para lhe criticar e incomodar. Em meu estado corporal, senti todas as suas dores e cansaço, mas havia ali um sentimento de gratidão e sororidade.

“Do latim soror (irmã), a palavra sororidade – ou uma espécie de sentimento de irmandade entre mulheres (LEAL, 2020, p. 02).” Me senti não somente sua irmã, mas sua

neta, filha, tamanho respeito que senti com suas passadas lentas e solitárias. Hoje ao trabalhar com mulheres idosas em vulnerabilidade social, na capital Salvador – BA, consigo lembrar dessa irmandade que criamos e de como ainda persiste o feminicídio, o machismo, e principalmente a solidão para mulheres idosas! Graças a senhora estou lutando para combater esse isolamento das mulheres, de modo que possam se enxergar como a Senhora Rooney e sua resiliência invejável.

Não poderia começar esse ensaio sem me referir a essa idosa, mulher, forte e há uma citação (em caixa alta como merece), que gostaria de lhe dedicar antes de desbravarmos o mundo dos caídos: ““ELES COMBINARAM DE NOS MATAR, MAS NÓS COMBINAMOS DE NÃO MORRER” (EVARISTO, 2014, s/p).

De mulher para mulher, obrigada Senhora Rouney!

02 Rir para não chorar!

Você já enfrentou algum problema e se sentiu sozinha, sem poder contar com o auxílio de ninguém? Por outro lado, quando nota que alguém precisa de ajuda, você finge que não enxerga, disfarça, desvia o olhar e pensa que você não tem nada a ver com aquela situação? Depender dos outros, auxiliar, não apoiar, solidão e carência são alguns dos conflitos existenciais abordados no espetáculo “Todos os que caem” que foi apresentado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no espaço Caixa Preta, no ano de 2015.

O texto foi uma adaptação da primeira novela radiofônica de Samuel Beckett, que foi ao ar pela BBC de Londres, em janeiro de 1957. Esse escrito conteve uma linguagem mais direta e menos filosófica do que outros textos de Beckett, que morreu em 1989. Transpusemos esse ambiente do rádio para uma peça de teatro, onde os atores trabalharam e trouxeram o ambiente subjetivo para o palco, como a sonoplastia, que foi indicada pelo próprio dramaturgo.

Situando a peça “todos os que caem”, se passa em um pequeno vilarejo rural onde há uma paróquia, uma estação de trem e uma pista de corridas de cavalos. O texto conta a história da Senhora Rooney, uma idosa ranzinza e religiosa. Sempre resmungando, ela caminha com dificuldade até a estação de trem, onde seu marido vai desembarcar. No caminho, ela encontra com outros moradores do vilarejo, todos indo na mesma direção. A senhora precisa de ajuda para chegar à estação antes do trem, porém, todos se mostram

extremamente ocupados consigo mesmo e sem disposição de ajudá-la.

Ao falar de Beckett, é importante levar em conta sua busca pela profundidade da alma humana, pela denúncia ao conformismo da condição humana individual em relação às amarras sociais, seu ateísmo e a incomunicabilidade angustiante. O texto faz uma crítica a essa postura de pessoas que usam a religião como máscara social. Num ambiente mais realista, o texto se coloca numa situação atual, traz questões como solidão, ressentimento, como em alguns momentos vivemos nos tempos atuais.

A obra do dramaturgo faz um convite à reflexão. A montagem retrata com humor, as misérias da condição humana e feminina tão fortemente abordada no teatro do absurdo. O teatro de Beckett é permeado por uma ironia sutil na qual há uma denúncia a exploração do homem pelo homem, principalmente pela mulher, subjugando as vontades individuais para cumprimento das condições sociais religiosas e manutenção das aparências.

Como atriz e protagonista, sempre acreditei, que apesar de antigo, o texto seria atual, principalmente pelas questões do feminismo. O texto foi escolhido por criticar, com humor, o machismo, o individualismo humano, e por abordar outras questões polêmicas, como as pessoas com relações superficiais, a hipocrisia, o fanatismo religioso e as relações tóxicas. Importante ressaltar que o texto traz um tom cômico, divertido, mas não se trata de uma comédia. Ao mesmo tempo, não se apresentou como um drama profundo para deixar os espectadores tensos. A peça critica pelo viés cômico a situação de uma senhora solitária.

Ressalvo que a cena que mais mexeu comigo ao interpretá-la, é um momento em que mesmo sozinha e triste Senhora Rooney brinca com um balão. Me fez refletir que mesmo na solidão, ao invés de procurarmos tristeza, deveríamos recorrer ao brincar para esquecer os problemas. Rooney foi assim, brincava sozinha e ria de sua miséria como mulher idosa. É cômico e trágico ao mesmo tempo, afinal, cada um de nós mulheres carrega um pouco de solidão.

Senhora Rooney está indo para a estação, será que vai encontrar alguma alma caridosa pelo caminho?

03 “Coitada... sozinha nessa casa velha caindo aos pedaços”

Você acha algo estranho na minha maneira de falar? (Pausa.) Não falo

da voz. (Pausa.) Não, falo das palavras. (Pausa. Como que para si mesma.) Eu sou apenas as palavras mais simples, suponho, e ainda assim, às vezes, acho à minha maneira de falar muito estranha (Beckett, 1957, s/p).

A personagem Maddy Rooney no convida primeiramente a discutirmos acerca do feminismo. Início então com uma teórica política chamada Judith Butler (2003), em seu livro “Problemas de Gênero”, que defende que a liberdade de expressão de gênero como uma das liberdades fundamentais acerca da democracia. A autora não diz que não há diferença entre os sexos (como fora hipocritamente criticada), explica apenas que a sociedade deveria prestar atenção nas pessoas que sofrem quando não podem ou não desejam, se adequar as expectativas que a sociedade atribui ao seu gênero.

Como é o caso da personagem de Beckett, que luta constantemente para se libertar do preconceito e da toxidade que recebe diariamente por ser uma mulher idosa que ainda deseja ser amada:

Ai! Sou mesmo uma megera histérica, corroída pela tristeza e pelos achaques e pelas boas maneiras e pela carolice e pela gordura e pelo reumatismo e pela esterilidade. (Pausa. A voz entrecortada) Amor, era tudo o que eu queria, um pouquinho de amor, todos os dias, duas vezes por dia, cinquenta anos de amor duas vezes por dia, regularmente, como é hábito entre os reles açougueiros de Paris (Beckett, 1957, s/p).

Como explicado por Butler (2009), que ao enfrentar a contemporaneidade sobre as quebras de padrões, ocorrem assim, o sofrimento, o isolamento e a violência. Como atriz feminista interpretando uma senhora tão forte e ao mesmo tempo tão frágil para a sociedade, defendo como a filósofa, que haja uma vida em que as mulheres (sejam estas novas ou idosas), tenham as condições de viver sem sofrimento e sem violência, pois todas necessitamos de uma rede de proteção social e pessoal, de cuidado e de apoio para vivermos.

Butler (2009) diz que somos vulneráveis, porém trona-se cruel quando nós mulheres somos exploradas e maltratadas por nossa vulnerabilidade, independente da geração, isso chama-se de: precariedade e acabamos por nos tornar “dispensáveis”. Temos o papel então, como mulheres, de desmascarar as teorias universalistas burguesas, mostrando que o sujeito moral que essas teorias privilegiam, é um sujeito masculino. E opera sistematicamente pela exclusão das mulheres e das suas questões de esfera pública.

Segundo a autora feminista Nancy Fraser (2009), o feminismo passa a correr o risco de uma enorme perda que é o deslocamento da centralidade, da questão material e redistributiva para questões identitárias ou para questões culturais. Então a autora cria uma organização de identidade para serem inseridas todas as pautas feministas. Fraser (2009) diz que a injustiça contra a mulher, é econômica (ou seja, material), e ela também é cultural ou seja, simbólica. E essas duas causas de injustiça, estão imbricadas e se reforçam continuamente, sucessivamente. Na medida em que normas sexistas são institucionalizadas na política e na economia, gerando a exclusão e silenciamento cultural, o que por sua vez reforça a exclusão material de modo em que a subordinação econômica e material, mantem entre si uma relação perversa para as mulheres.

Já houve um tempo em que as mulheres não tinham direito ao voto, e não podiam participar da vida política, no mercado de trabalho, e estavam predestinadas aos afazeres da casa. As lutas feministas ampliaram o lugar de nós mulheres, mas ainda lutamos pelo direito fundamental de viver sem violência. Segunda a autora Pougy (2012), relembra as notícias de 1976, quando uma mulher chamada Ângela Diniz havia sido assassinada com quatro tiros na cabeça por seu companheiro, no primeiro julgamento o advogado afirmou que seu cliente agiu em legítima defesa da honra. O réu primário cumpriu pena de dois anos em liberdade. Mas, a pressão das ativistas alterou a sentença, em um segundo julgamento foi considerado culpado e recebeu pena de 15 anos.

Relembra também que em 1977, o corpo de Cláudia Alessin de 21 anos fora encontrado em uma avenida do Rio de Janeiro, o laudo do ML demonstrou enforcamento e hemorragia cerebral provocada por pancadas na cabeça, havia também indícios de violência sexual. O principal suspeito foi absolvido da acusação de homicídio e violência sexual, somente condenado a dois anos de prisão por ocultação de cadáver. O outro acusado fugiu para a Suíça e nunca foi julgado.

Segundo Pougy (2011) era moda nos anos 70 de denominar a violência contra a mulher de crime passional, relacionado a paixão, desqualificando assim crimes de feminicídio, e recorrendo a frase tão usada que diz: “em briga de marido e mulher, não se mete a colher.” E foi a partir desses crimes e discussões que a sociedade começou a defender que as mulheres deveriam ser protegidas das barbáries escondidas em quatro paredes.

Em 1980 surge então as delegacias de atendimento as mulheres, e as pautas feministas começam a reverberar nas universidades, na intenção de discutir sobre a violência doméstica. E começou a ser discutida a violência simbólica contra as mulheres, que as tratam como objetos, colocando o feminino restrito ao ambiente privado e doméstico.

Com essas discussões sobre o feminismo podemos abordar as questões focando nas mulheres idosas. Como no livro de Simone Beauvoir chamado “velhice”. Inicialmente quando li achei cruel, perdi a vontade de envelhecer. No livro a autora denuncia o que denomina de conspiração do silêncio que existe em relação as idosas. E que a sociedade é criminosa em relação a elas. Quando escreveu o livro a escritora tinha 62 anos, comenta que ficou assustada quando ouviu uma aluna sua dizer a outra: “mas essa é a Simone? Ela é uma velha!”, quando escutou a autora não tinham nem chegado aos 50 anos. Viveu a própria velhice com essa carga de preconceitos.

Goldenberg, pesquisadora, capta do livro “Velhice” o conceito de “boa velhice”, diz a autora, que quem investe muito na aparência, no corpo, terá uma velhice complicada. Pois, é inevitável que o corpo vai se transformar. Muitas mulheres não aceitam a velhice, e se tornam até monstros na tentativa de fingir que não são velhas. Piorando assim a situação. O oposto do complicado, estão as idosas que investiram em outros capitais, como por exemplo as mulheres que trabalham com a criatividade.

Algumas inclusive, descobriram na velhice sua vocação, para quem trabalha com criatividade, há uma saída. Outras mulheres que teriam saída para uma boa velhice, segundo Bouvouir seria quem possui projetos de vida, e quem os descobrem tardiamente. No livro, a autora após descrever o dramático quadro do processo de envelhecimento, aponta um possível caminho para a construção de uma velhice digna. Segundo Goldenberg, no Brasil temos exemplos de inúmeras idosas, como é o caso da cantora Rita Lee, pois quando se olha para ela, a velhice não é negativa. É uma geração que não aceitará o imperativo seja qualquer rotulo que contesta.

Existe um número significativo de idosas que saem sozinhas, são independentes, que vão ao teatro, ao cinema. Para algumas o casamento foi uma espécie de prisão, repleto de toxidades, alguns com violências psicológicas, físicas, torturas. E havia uma necessidade imposta pela sociedade de que não reclamassem, cuidassem da casa, dos filhos, cuidar do marido, da família. E na velhice encontram a liberdade das obrigações,

como uma ruptura que Goldenberg denomina de “Revolução”.

Perde-se uma necessidade de agradar aos outros, a obrigação de cuidar, Segundo Beauvoir a questão da mulher não é buscar a felicidade, pois trata-se de algo abstrato, logo a liberdade torna-se concreto ao envelhecer. E muitas vezes esse desejo, faz-se com que haja uma solidão considerável por parte das mulheres idosas. A dificuldade de encontrar um parceiro que a acompanhe nesse espírito aventureiro e independente e de cuidar novamente da família. Então algumas acabam por se isolar. Em muitos casos a solidão da mulher torna-se uma depressão, uma melancolia ao lembrar dos tempos em que não era sozinha, como fica evidente nas falas da personagem Rouney:

Quem me dera estar deitada, estirada na minha cama confortável, sem tossir, claro, apenas deslizar docemente para a vida eterna, recordando, recordando... (Voz entrecortada) pequenas infelicidades. Como se elas nunca tivessem existido (Beckett, 1957, s/p).

Falta segurança, em questão familiar, falta uma escuta feminina, uma intimidade no sentido de uma conversa profunda e atenciosa e que as vezes não é necessário que o homem diga algo, mas que a escute de corpo e alma. Que haja paciência, reconhecimento, pois se doam mais do que recebem:

[...] não estou brincando e por sobre esse azul nublado, eu vejo tudo, eu estou aqui e vejo tudo com olhos... (A voz entrecortada) através de olhos... ah! se vocês tivessem seus olhos, entenderiam. As coisas que esses olhos viram, e sem se desviarem... isso não é nada (Beckett, 1957, s/p)!

Ou seja, algumas mulheres trabalharam tanto na vida que não sabem mais se libertar quando chega a velhice. Há uma necessidade de ser cuidada, protegida, amada. Nesse sentido segundo Goldenberg (2011), as amizades entre mulheres da mesma idade, são fundamentais para alavancar a autoestima e o empoderamento feminino. Em muitos momentos as amigas são mais presentes do que a própria família. “O capital que eu mais invisto são as amigas!” (Goldenberg, 2011).

O tempo principalmente para as mulheres é o bem mais valioso que veio junto com a liberdade. Não serão mais sugadas, atropeladas, pelo tempo dos outros, refletem as idosas. O tempo deixa de ser uma obrigação para cumprir responsabilidades e passa a ser

uma escolha, eu decido agora os momentos dos meus deveres como mulher idosa. Não quer mais desperdiçar a vida. Com isso aprendem algo muito difícil para elas, que é o “dizer não”, sem culpa.

O NÃO é uma forma de colocar o foco no que é realmente importante para mim e para os outros. Não desperdiçar o tempo com vampiros emocionais, parasitas, chatos insuportáveis e egoístas. Por que é tão difícil dizer não? Você consegue dizer não sem culpa? Ou desperdiça o seu tempo com milhares de favorzinhos para os vampiros diminutivos? Quero e preciso aprender a ter a coragem de dizer não, pois dizer sim para o que não é prioritário é significativo acaba consumindo um tempo muito precioso das nossas vidas. Qual vai ser o seu NÃO de hoje? (Goldenberg, 2011, s/p).

Nesse sentido surge uma necessidade da autoaceitação, o parar de se comparar com outras mulheres mais jovens, bonitas, magras, bem sucedidas, felizes. Algumas aprendem, portanto, a valorizar sua singularidade, a individualidade, as diferenças. Não se busca mais o que falta, mas valoriza o que tem hoje, o conjunto da obra, como se dissessem: “Estou bem!”. E será que estão mesmo?

Conclusão... diga senhora Rooney, a senhora está bem?

Início essa despedida com um poema que escrevi inspirado na personagem Maddy Rooney e com base nos estudos sobre feminismo:

“Nas rugas do tempo, sua história se entrelaça. A mulher idosa, força que não se despedaça. Num mundo que exalta a juventude sem cessar, ela mostra a grandiosidade do envelhecer, sem hesitar. Solidão pode bater à sua porta, é verdade, mas ela enfrenta a adversidade com coragem e dignidade. Pois em sua essência, guardou sabedoria e gratidão, e em cada enrugado sorriso, encontra a própria salvação.

Nas marcas do passado, guarda memórias e cicatrizes, são testemunhas de sua jornada, não são disfarces. A dificuldade que enfrentou, moldou sua fortaleza, ela ergue a cabeça, superando cada incerteza. Em meio às lembranças, ri de si mesma, com alegria, sabendo que o tempo não define sua valia. Ela ri das limitações, dos esquecimentos cotidianos, pois sua alma resiliente sabe que risos são soberanos.

A mulher idosa, sábia e destemida, enfrenta o mundo com uma coragem indefinida. Ela quebra barreiras, desafia estereótipos. Inspira com seu exemplo, mostra

que é possível ser livre. Não romantizo sua vida, pois sei das agruras. Mas, ressalto sua resiliência, sua força e bravura. A mulher idosa merece nosso respeito e admiração, pois é a personificação da verdadeira emancipação. Que cada risada ecoe, como uma ode à mulher madura, que mostremos gratidão, que sua voz seja ouvida e segura. Neste poema feminista, exalto sua luta e persistência, honrando a mulher idosa com a devida reverência.”

Com o coração cheio de gratidão, despeço-me dessa jornada como atriz, onde tive a oportunidade de interpretar uma personagem idosa que me ensinou valiosas lições. Ao longo dessa experiência, pude mergulhar nas profundezas da vida de uma mulher madura e descobrir sua força inabalável diante dos desafios. Ela me mostrou que a passagem do tempo é uma dádiva, repleta de aprendizados e momentos preciosos.

Através dessa personagem, aprendi a sorrir, mesmo diante da solidão e das dificuldades. Ela me ensinou que a verdadeira coragem reside em enfrentar a vida com alegria, sem permitir que as rugas e as marcas do tempo ofusquem a luz que brilha dentro de cada um de nós. Perdi o medo de envelhecer, pois compreendi que a idade é apenas um número e que a verdadeira essência reside na sabedoria adquirida ao longo dos anos.

Essa despedida não é apenas o fim de uma representação, mas também o início de uma nova jornada. Carregarei comigo as lições dessa personagem, honrando a beleza do envelhecimento e inspirando-me a persistir, mesmo diante das adversidades enfrentadas por nós mulheres. Ela me mostrou que a vida é um presente que merece ser vivido plenamente, independentemente da idade que tenhamos.

Agradeço a todos que fizeram parte dessa jornada, desde os colegas de elenco até a equipe de produção, que deram vida a cada cena e tornaram essa experiência inesquecível. E, acima de tudo, agradeço a essa personagem por me ensinar a valorizar cada ruga como uma marca de vivência, cada dificuldade como uma oportunidade de crescimento e cada riso como um lembrete de que a felicidade não tem idade.

Que eu possa levar adiante seu legado, inspirando outras mulheres a abraçar o envelhecimento com sabedoria, a sorrir diante dos obstáculos e a encontrar a verdadeira beleza que reside em cada estágio da vida. Até breve, minha querida amiga ranzinza e corajosa, e obrigada por tudo que me ensinou.

Referências

- BECKETT, S. **Todos Os Que Caem**. Cadernos de teatro, n. 121. Rio de Janeiro: Tablado, abril a junho, 1989
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- EVARISTO, C. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 116p, 2014.
- FRATESCHI, Y. **Filosofia e humanidades: as blindagens de uma historiografia sexista**. discurso, v. 52, n. 1, p. 28–44-28–44, 2022.
- FRASER, N. **O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história**. Mediações-Revista de Ciências Sociais, 2009.
- GOLDENBERG, M. **Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira**. Contemporânea (Título não-corrente), v. 9, n. 2, 2011.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- LEAL, T. O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 3, p. 139-164, 2020.
- POUGY, L. **Referências teóricas necessárias à intervenção com mulheres que sofrem violência**. Revista da EMERJ, v. 15, n. 57, p. 155-172, 2012.